



RUPP, E. Gordon; WATSON, Philip S. (Eds). Lutero e Erasmo: livre arbítrio e salvação. São Paulo: Reflexão, 2014.

Ednilson Clemente¹

A editora Reflexão presta inestimável favor aos teólogos e interessados em teologia ao publicar, com o título de capa “Erasmo: Livre-arbítrio e Salvação”, a obra de Erasmo feita para combater um ponto da teologia de Lutero. O livro possui um prefácio explicativo elaborado pelo renomado professor metodista inglês, Dr. Ernest Gordon Rupp, no qual o leitor é introduzido no período em que o debate se deu, no século XVI, bem como nos fatores que levaram Erasmo a publicar sua obra.

Corria o ano de 1516 quando Erasmo publicou sua tradução do Novo Testamento, baseando-se nos diversos textos conhecidos até então. Essa publicação muito auxiliou aos teólogos da Reforma Protestante e rendeu admiradores a Erasmo, entre eles o próprio Martinho Lutero.

Embora personagem importante do período da Reforma, Erasmo permanece até hoje como figura desconhecida no meio acadêmico brasileiro. Quando muito, é lida sua obra mais famosa – O Elogio da Loucura – mas sem dar-se a devida relevância para sua teologia, firmada nas Escrituras e na Escolástica. Crítico ferrenho das tradições e do modo de vida do clero, Erasmo representava

¹ Ednilson Clemente é tecnólogo em Processamento de Dados pela FURB - Fundação Universidade Regional de Blumenau, e Bacharel em Teologia pela FLT - Faculdade Luterana de Teologia. E-mail: ednilson.clemente@gmail.com.

o suprassumo do Humanismo: o cientificismo no trato com os originais, a crença no progresso e na capacidade inerente do ser humano, a busca pela sabedoria e conhecimento como fonte para superação pessoal, a fé na paz obtida pelo espírito humano letrado. Não à toa recebeu a alcunha de *O Príncipe dos Humanistas*.

É preciso compreender a relação de amor e ódio havida entre Erasmo e a Igreja. Seus pais experimentaram terrível perseguição por terem concebido a ele antes do casamento. Fugas, refúgios e terríveis mentiras povoaram a vida do casal (o pai de Erasmo chegou a entrar para um mosteiro após ser enganado, pensando que sua amada havia morrido. Só tempos depois abandonaria seus votos para viver junto a ela). Falecidos os pais, o jovem Erasmo foi encaminhado à Igreja para os estudos, contando apenas 12 anos de idade. A onipresença da Igreja na vida das pessoas dá uma boa ideia de como era a vida em sociedade na Idade Média.

Enganoso seria supor que Erasmo não fosse um homem de fé. Sem dúvida, sabia separar o que era humano do divino, na Igreja. Abominava a ignorância do clero e do povo, mas deleitava-se com as Escrituras e os Pais da Igreja. Suas críticas o levaram a indispor-se com ambos os lados do conflito religioso de seu tempo: a Igreja não o considerava fiel o suficiente em sua defesa e os adeptos da Reforma não o consideravam comprometido até o fim com a causa. Ou seja, nenhum dos lados confiava plenamente nele, por não tomar partido. Mas justamente essa era a característica do humanista: desafeito às rupturas, inimigo das contendas que ultrapassassem os limites da razão. Especialmente o clima fervente entre os camponeses e senhores feudais causava-lhe preocupação. A possibilidade de uma guerra – a afirmação última da incapacidade do ser humano em resolver suas diferenças – o exasperava.

Pressionado por ambos os lados a se posicionar, Erasmo, por fim, prefere o caminho do meio: não atacaria Lutero como a um herege, não reprovava a causa da Reforma apenas por insurgir-se contra a Igreja instituída – ele mesmo já a havia criticado suficientemente. Seu diálogo com Lutero deixaria claro que ele não concordava com aspectos teológicos da Reforma, mas não com o seu todo. Embora tenha escrito sua famosa frase (que tanto asco provocou em Lutero) afirmando que se submetia aos decretos da Igreja, “não importando se entendo ou não o que ela prescreve”², é bom lembrar que Erasmo estava sendo extremamente brando em suas colocações contra a teologia reformatória. Buscou um ponto das asserções de

² RUPP, E. Gordon; WATSON, Philip S. (Es). **Lutero e Erasmo**: livre arbítrio e salvação. São Paulo: Reflexão, 2014, p. 64.

Lutero (*Assertio*) – resposta à bula de excomunhão *Exsurge Domine* – um ponto que lhe parecesse digno de ataque. Não pretendia, entretanto, tirar o mérito das críticas da Reforma, mas negar-lhe o embasamento teológico. Transformou uma questão política em teológica.

Erasmus escreveu em tom respeitoso, polido. Declina de sua grande reputação para discordar de Lutero educadamente. Como resposta, obtém de Lutero, um ano depois, ironias e grosserias – típicas dos escritos medievais. Fica notório o desprezo de Lutero pela teologia de Erasmus. Entre outros adjetivos, chamou sua publicação de *latrina de ouro*³: linda por fora, mas recheada de esterco; a forma, a elegância era magnífica e digna do humanista, mas, no tocante à teologia, uma perda total. Aos amigos, Lutero diria que não respondeu antes a Erasmus por puro tédio. Não lhe causava ânimo debater com quem tão pouco conhecia a respeito do assunto.

Não é momento, entretanto, para crucificar Lutero. Seu modo de proceder está de acordo com um líder pressionado, que brande a espada da verdade. Lutero não recuaria de nenhum ponto de sua teologia apenas para promover a paz. Não sacrificaria o Evangelho para estar em bons laços com pessoas. Erasmus era alguém além do seu tempo e, muito provavelmente, o cidadão do século XXI ainda sofra as influências do humanismo que ele tanto defendeu. Se, por um lado, é mais refinado, por outro, nem sempre tem a convicção e a coragem tão presentes em Lutero. Se cabe uma crítica aos teólogos contemporâneos, talvez seja a falta de coragem em se indispor com outros por amor à verdade.

A discussão entre os dois expoentes – Lutero e Erasmus – nunca chegou de fato às massas. Havia certamente assuntos mais simples com que se ocupar, dada a pobreza espiritual das comunidades cristãs na Alemanha. Era preciso antes afirmar o básico, para então dedicar-se a questões mais profundas.

De qualquer maneira, é triste perceber o quanto ainda se engatinha, atualmente, no conhecimento da teologia luterana. Grassa, nas comunidades cristãs, argumentos em favor da doutrina do livre arbítrio. E causa espanto que sejam os mesmos apresentados por Erasmus! Se Lutero vive no resultado da Reforma, é certo que Erasmus também, no pensamento do cristão contemporâneo, mesmo aquele que se diz *luterano*. Parece que vagam entre dois extremos: a fé na total capacidade humana – até para salvar-se a si mesmo – e o calvinismo determinista e

³ LUTERO, Martinho. **Martinho Lutero**: obras selecionadas. v. 4. São Leopoldo-RS: Sinodal; Porto Alegre-RS: Concórdia Editora, 1993, p. 17.

seus decretos imutáveis. Para o Reformador, os dois pontos pecariam pelo mesmo motivo: a falta de compreensão da soberania e da graça de Deus.

Exemplos da má compreensão acerca do que Lutero chamou de *servo arbitrio* são a questão dos imperativos existentes nas Escrituras (como Deus pode ordenar coisas que o homem não pode cumprir?) e a culpa final (se Deus é responsável pelo bem e o mal, que culpa o ser humano tem?). Esses argumentos são constantemente repetidos em qualquer discussão.

Erasmus principia seu escrito afirmando saber que o assunto já foi tratado em profundidade no debate, em 1519, entre Eck e Carlstadt. De qualquer modo, ressalta, pretende dar a sua contribuição. Afirma que, a seu ver, existe “certa capacidade de livre escolha”⁴ e que, ainda que tenha lido os argumentos de Lutero com atenção e sem preconceito, não foi persuadido. Destaca, outrossim, que as Escrituras contêm certos “lugares secretos”⁵, nos quais Deus não desejou que os cristãos penetrassem. Essas passagens existiriam apenas para provar o quanto o conhecimento de Deus é superior ao do ser humano.

Paralelamente a essas afirmações, concebe que algumas verdades não são aptas para “ouvidos comuns”⁶. Aqui se pode perceber claramente o espírito humanista de Erasmo levantando-se. Apenas letrados e iluminados pelo conhecimento e pela sabedoria estariam aptos a discutir esses assuntos. Sentimento parecido, por vezes, pode ser identificado em alguns teólogos contemporâneos.

Como questão prática, Erasmo percebe perigo nas afirmações de Lutero. Se Deus é quem opera tudo no cristão, quem buscaria de vontade própria a santidade? “Que malfeitor se esforçará para corrigir sua vida?”⁷ Para o humanista, é imprudente falar abertamente sobre tais assuntos a ouvidos não iniciados.

Continuando seu raciocínio, firma-se nos Pais da Igreja para falar sobre a liberdade da vontade. Segundo ele, “desde a época dos apóstolos até os dias de hoje, não surgiu nenhum autor que tivesse descartado totalmente o poder da liberdade de escolha”⁸. Ao lado de Lutero, apenas Wycliffê, enquanto que ao lado de Erasmo, todos os teólogos da Igreja. Insinua que deve ser por isso que Lutero

⁴ RUPP, 2014, p. 64.

⁵ RUPP, 2014, p. 66.

⁶ RUPP, 2014, p. 67.

⁷ RUPP, 2014, p. 70.

⁸ RUPP, 2014, p. 73.

aceite como autoridade apenas as Escrituras⁹.

Entretanto, como Lutero insistia no embasamento bíblico (e não na autoridade de homens – ou da Igreja), Erasmo apoiou sua argumentação na passagem do livro de Eclesiástico (também conhecido como *Sabedoria de Jesus Siraque*), capítulo 15, versos 14 a 17, que diz:

Desde o princípio criou o ser humano e o abandonou nas mãos de seu próprio desígnio. Ele acrescentou seus mandamentos e preceitos. Se quiseres guardar os mandamentos e manter fidelidade aceitável para sempre, eles te guardarão. Ele colocou diante de ti o fogo e a água; estende a tua mão para aquilo que quiseres. Diante do ser humano está a vida e a morte, o bem e o mal; aquilo que ele escolher ser-lhe-á dado¹⁰.

Obviamente, Lutero poderia ter refutado essa passagem como inválida por não pertencer ao cânon hebraico, mas não o fez. Aceitou a argumentação de Erasmo e sobre ela teceu comentários.

Encontram-se no escrito do Humanista ainda considerações sobre a graça e sua relação com o livre arbítrio, antes e depois da Queda. Com isso, Erasmo pretende argumentar que é a graça que desperta a *vontade* no homem, capaz de procurar o bem. Como se esta estivesse *adormecida* pelo pecado; corrompida, mas não em sua totalidade.

Estão lá também as grandes questões que sempre são citadas quando se discute a questão do livre arbítrio: o assassinato de Abel por Caim, seu irmão (Gn 4.6-7); as admoestações dos profetas (Is 1.19-20; 21.12; 45.20-22; Ez 18.21-24; Jl 2.12; Jn 3.8; Jr 26.3-4; e. o.), o endurecimento do coração do Faraó (Êx 4.21), o lamento de Jesus sobre Jerusalém (Mt 23.37), a traição de Judas e os diversos imperativos presentes nas Escrituras. O raciocínio é o mesmo: por que Deus ordenaria arrependimento a quem não pode arrepender-se? Por que ordenaria obediência a quem não tem a capacidade de obedecer?

Especialmente sobre o endurecimento do coração do Faraó, há na segunda parte da argumentação de Erasmo todo um apanhado para justificar que Faraó tinha, sim, condições de ter se arrependido. Para o Humanista, é a *presciência* de Deus que faz com que declare que o coração de Faraó seria endurecido. Ou seja, Deus verificou o futuro e percebeu que Faraó não se arrependeria. Mas, de fato, Deus não força a vontade de ninguém. O que se percebe na expressão sobre

⁹ Cf. RUPP, 2014, p. 72.

¹⁰ RUPP, 2014, p. 79-80.

o endurecimento do coração é algo como se pode encontrar em Is 63.7 – uma figura de linguagem para o próprio pecado. Outro exemplo que usa é o de um pai que, confrontado com os erros de seu filho, exclama: *Eu te estraguei* – como se a culpa fosse dele. Mas, “na verdade, o Faraó foi criado com uma vontade que podia tomar qualquer dos dois caminhos, e por sua própria vontade ele se voltou para o mal e por sua própria mente preferiu seguir o mal a obedecer aos mandamentos de Deus”¹¹. O mesmo raciocínio se aplica a Judas, que traiu Jesus não por *necessidade*, mas por livre escolha.

A terceira parte do escrito de Erasmo se dedica a refutar os argumentos da *Assertio* de Lutero. Apoia-se em Jerônimo e Orígenes. Na verdade, apela para o conceito de *Graça Infusa* nas questões difíceis. Fala da *cooperação* do ser humano com a vontade divina. “O que o arquiteto é para seu aluno, a graça é para a nossa vontade”¹².

No epílogo, os argumentos são mais racionais. Como letrado humanista, Erasmo apela para a falta de lógica (em sua opinião, obviamente) da teologia de Lutero a respeito do assunto. Nega-se a crer que Deus recompense ou castigue o ser humano por aquilo que este não tem domínio.

Erasmo sabe, entretanto, que se aproxima da teologia pelagiana¹³. Para não incorrer na mesma condenação, afirma a superioridade e dependência da graça divina. A cooperação humana, por isso, seria ínfima. Afirma: “a contribuição da livre escolha é extremamente pequena e ... faz parte da dádiva divina até mesmo o fato de podermos voltar nossas almas para as coisas pertencentes à salvação ou cooperar (*synergein*) com a graça”¹⁴. Esse comentário faria com que Lutero afirmasse ser Erasmo mais infeliz na teologia que o próprio Pelágio.

Erasmo faz uma defesa final aos doutores da Igreja. Não seria justo condená-los por causa da afirmação de um dogma. Estariam todos eles, tão grandes cristãos, completamente enganados? Soa nas entrelinhas: Quem, afinal, é Lutero, para julgar-se superior a todos eles?

¹¹ RUPP, 2014, p. 107.

¹² RUPP, 2014, p. 135.

¹³ Pelágio (350 – 423) foi um monge ascético, considerado herege, nascido na Irlanda. Em suas pregações, afirmava que o homem tinha o poder de, por seu próprio esforço e livre arbítrio, escolher entre o bem e o mal e, assim, cumprir os mandamentos de Deus. Cf. HÄGGLUND, Bengt. **História da Teologia**. 8. ed. Porto Alegre: Concórdia, 2013. p. 105.

¹⁴ RUPP, 2014, p. 143.

É com grande alegria que se deve saudar a publicação do *Livre Arbítrio*, de Erasmo. Faltava uma tradução para o português, que proporcionasse ao estudante de teologia acesso a compreensão dos argumentos do mestre humanista.

O leitor há de deparar-se com argumentos muito utilizados ainda hoje nas comunidades cristãs. Para a antropologia atual, é difícil conceber o ser humano como submetido à vontade de Deus, mesmo sem o querer. É ilógico aceitar que as palavras de Deus são Lei e Evangelho ao mesmo tempo – para os salvos, graça; aos perdidos, condenação. Todo o ocidente cristão é herdeiro do Humanismo. Torna-se necessário sempre de novo lembrar que a condenação do ser humano o acompanha desde sua geração e, se ele encontra a salvação, é por obra apenas do bondoso Deus. Lutero sabia disso. Como sabia que nem tudo que faz sentido é, por necessária consequência, verdadeiro.